

Carnaval atormenta moradores de Ondina

Maria de Fátima Dannemann

"Alô!...Ei...Ah, ah... Som, som, som... Testando"... Este será o despertador para moradores da Barra, Ondina, Vitória, Campo Grande e demais ruas do circuito carnavalesco, a partir desta quarta-feira. Durante seis dias, quem vive neste pedaço da cidade não só vai ter de conviver com a poluição sonora, como vai ficar *ilhado* em casa, sem poder sair de carro. Uma parte gosta, aceita *numa boa* e participa do Carnaval. Há os que não gostam e conseguem fugir do *arerê*. Duro é para quem detesta, mas precisa ficar na cidade por motivos profissionais e tem de aturar toda esta situação. Ondina, este ano, terá 14 ruas interditadas por causa da folia.

— Não vou poder sair de casa. Vou ter que tomar táxi porque não posso usar o carro e vou ficar exposto a assaltos e outros problemas — diz um morador da Rua Helvécio Carneiro Ribeiro, em Ondina. Neste bairro é onde as pessoas estão mais revoltadas. Até o ano passado, só a orla estava interditada. Este ano, com a extensão do circuito até a entrada do Jardim Zoológico, praticamente todas as ruas estarão fechadas à livre passagem de veículos. A médica Liliana Machado Valadares, moradora da Rua Baependi, está indignada. Ela tem vários plantões durante o reinado de Momo mas está impossibilitada de sair de casa.

Platéia de visitas

Moradores do Campo Grande são acordados cedo, não só pela passagem de som dos trios elétricos (que não respeitam a lei do silêncio ou a liberdade de não querer ouvir o som dos trios fora do horário da festa), como pelas *visitas* que chegam e aproveitam para *fazer uma boquinha* antes de se aboletar nas janelas e varandas para ver os trios elétricos de camarote. Muitas das pessoas que

moram no circuito de Carnaval e são foliões acabam não podendo sair de casa por causa das visitas. "É um atrás do outro e aparece gente que eu não via há muito tempo e que vêm aqui em casa só para ver o Carnaval", diz uma moradora de um prédio do Campo Grande.

A visão da festa em muitos dos prédios será difícil para quem ficar nos playgrounds. Para evitar o vandalismo que toma conta das ruas da cidade durante a folia momesca os edifícios e lojas estão sendo isolados com tapumes. Alguns prédios, como o Manoel Vitorino, no final da Vitória, quase Campo Grande, armaram uma espécie de tablado para os interessados em assistir à saída dos blocos da concentração.

Algumas pessoas não se importam em ficar tão perto da festa. Maria Lúcia Sá, moradora do Edifício Casablanca, na Vitória, é uma das que defendem o Carnaval com unhas e dentes. "Carnaval é a cara da Bahia". Todos os anos ela fica em casa e cai na folia, mas este ano ela está pensando em viajar para o interior e alugar seu *apê*. "Só que está difícil, a concorrência está maior desde que o circuito da festa aumentou".

Para a recreadora Maria Leda Mattos e seu marido, o artista plástico Esperidião Mattos, moradores do Edifício Delrio, o Carnaval fica lá fora. "Mattos aproveita para pintar e eu para organizar os trabalhos dele". Este prédio e o vizinho, Delmar, têm piscina e as pessoas que não querem participar da festa contam com mais este estímulo para se isolar da folia. "Mas não podemos sair para canto nenhum", queixa-se Leda. Durante o Carnaval, o casal costuma receber visitas que utilizam a varanda para assistir ao Carnaval e são uma boa companhia.



Foto: Wilson Besnoski

Jornal: A Tarde
Data: 17/02/98
Caderno: 1
Página: 6

Ilhados pelo aparato do Carnaval, moradores de Ondina ficam impedidos de sair ou chegar de automóvel